



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - IREL**

VICTOR HUGO FIRMINO DE ANDRADE

**A INEXPERIÊNCIA POLÍTICA COMO ALTERNATIVA:
O que leva à eleição de presidentes *outsiders* na América Latina?**

Brasília, 2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - IREL

VICTOR HUGO FIRMINO DE ANDRADE

**A INEXPERIÊNCIA POLÍTICA COMO ALTERNATIVA:
O que leva à eleição de presidentes *outsiders* na América Latina?**

Monografia apresentada como requisito para a conclusão da disciplina “Dissertação em Relações Internacionais”, como disciplina optativa de conclusão do Bacharelado em Relações Internacionais da Universidade de Brasília.

Orientador: Professor Dr. Fidel Irving Pérez Flores

Brasília
2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - IREL

VICTOR HUGO FIRMINO DE ANDRADE

**A INEXPERIÊNCIA POLÍTICA COMO ALTERNATIVA:
O que leva à eleição de presidentes *outsiders* na América Latina?**

Monografia apresentada como requisito para a conclusão da disciplina “Dissertação em Relações Internacionais”, como disciplina optativa de conclusão do Bacharelado em Relações Internacionais da Universidade de Brasília.

Aprovada em 12 de julho de 2019

Banca examinadora:

Prof. Dr. Fidel Irving Pérez Flores
Orientador

Prof. Dr. Luiz Daniel Jatobá França

Prof. Dra. Maria Helena de Castro Santos

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e pai por terem me dado a chance de crescer em uma realidade de oportunidades. Ao meu irmão e irmã por serem meus primeiros amigos. À Bia, Laila, Lívia, Luísa, Bruna e Dea por dividirem comigo o peso de amadurecer. Ao Pedro por me inspirar a ir mais longe. Ao professor Fidel pelas orientações. Às negras e negros que passaram por esse caminho antes de mim e o tornaram possível. Obrigado.

A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso país, tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos, fraquíssimos. E tudo o que está fraco, morre um dia.

Carolina Maria de Jesus (1960)

RESUMO

Este estudo comparado tem como principal objetivo identificar as condições que favorecem a eleição de um *outsider* à presidência de um país na América Latina. A literatura sobre o que é um *outsider* é plural e não consensual, dessa forma, o presente trabalho se refere a *outsider* enquanto candidato sem experiências prévias de grande expressão em cargos públicos eletivos, assim como atuação de destaque no governo estadual ou nacional. O estudo se limitou, ainda, a analisar casos na América Latina ocorridos a partir de 1995, sendo elencados casos de sucesso (eleitos) e casos de insucesso (não eleitos). Assim, a partir da literatura levantada, foram destacadas condições causais de mais forte expressão, produzindo cinco hipóteses. Tais hipóteses foram testadas comparativamente por meio dos casos levantados, utilizando o método de análise comparada *crisp-set* (csQCA), de forma a comprovar ou não sua veracidade. O trabalho concluiu que as condições causais destacadas não foram suficientes para explicar o fenômeno, de modo que nenhuma das hipóteses levantadas conseguiu ser provada. Por fim, o estudo oferece suas considerações finais, apreendidas ao longo de sua produção, visando contribuir para a construção de conhecimento sobre o tema.

Palavras-chaves: *outsider*, eleições, presidente, América Latina, democracia.

ABSTRACT

The main objective of this comparative study is to identify the conjunctural characteristics that favor the election of an outsider to the presidency of a country in Latin America. The literature about what is an outsider is plural and not consensual, in this way, the present work refers to outsider as a candidate without previous experiences of great expression in elective public positions, as well as prominent performance in the state or national government. The study was limited to analyzing cases in Latin America since 1995, with cases of success (elected) and cases of failure (not elected) being listed. Thus, from the raised literature, causal conditions of stronger expression were highlighted, producing five hypotheses. These hypotheses were tested comparatively by means of the collected cases, using the method of comparative analysis *crisp-set* (csQCA), in order to corroborate or not with its veracity. The work found that the causal conditions highlighted were not sufficient to explain the phenomenon, since none of the hypotheses raised could be proved. Finally, the study offers its final considerations apprehended throughout its production, aiming to contribute to the construction of knowledge about the theme.

Key-words: outsider, elections, president, Latin America, democracy.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Candidatos <i>outsiders</i> que venceram as eleições	28
Tabela 2: Candidatos <i>outsiders</i> que perderam as eleições.....	29
Tabela 3: Percepção da Corrupção	31
Tabela 4: Insatisfação com a Democracia	32
Tabela 5: Desigualdade de renda	34
Tabela 6: Percepção sobre a Economia	35
Tabela 7: Desconfiança nos Partidos	36
Tabela 8: Tabela-verdade.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APC - Aliança Patriótica Para A Mudança

ARENA - Aliança Republicana Nacionalista

BM - Banco Mundial

BO – Estado Plurinacional da Bolívia

CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe

CONAIE - Confederação Das Nacionalidades Indígenas Do Equador

DESIG - Desigualdade De Renda

CORRUP - Percepção Popular Sobre A Corrupção

CRISEPAR - Crise dos Partidos

csQCA - Análise Qualitativa Comparada *crisp-set*

DEM - Partido Democratas

DEMOCR – Insatisfação com a Democracia

EC – República do Equador

ECONO - Percepção Sobre a Economia

FMLN – Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional

FNL - Frente de Convergência Nacional

fsQCA - Análise Qualitativa Comparada *fuzzy-set*

GT – República da Guatemala

IPC - Índice de Percepção da Corrupção

MBL - Movimento Brasil Livre

MIP - Movimento Indígena Pachakuti

MPQ - Movimento Pátria Querida

MVR - Movimento Quinta República

mvQCA – Analise Qualitativa Comparada *multi-value*

ONU - Organização das Nações Unidas

PCN - Partido de Conciliação Nacional

PE – República do Peru

PPQ - Partido Pátria Querida

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PSL - Partido Social Liberal

PY – República do Paraguai

SEDLAC - Base de Dados Socioeconômica para a América Latina e Caribe

SV – República de El Salvador

UCS - Unidade Cívica Solidariedade

UNO - União Nacional Opositora

UNU-WIDER - Instituto de Pesquisas de Economia do Desenvolvimento da Universidade das Nações Unidas

VE – República Bolivariana da Venezuela

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo 1 – <i>Outsiders</i> enquanto atores políticos	14
1.1 O que são <i>outsiders</i>	14
1.2 Um histórico de <i>outsiders</i> nas presidências latino-americanas.....	16
1.2.1 Candidatos eleitos.....	16
1.2.2 Candidatos não eleitos.....	20
1.3 O que leva candidatos <i>outsiders</i> a serem eleitos?.....	22
Capítulo 2 – Análise	28
2.1 Método – Análise Qualitativa Comparada – <i>crisp-set</i> (csQCA).....	28
2.2 Casos selecionados.....	29
2.3 Hipóteses, condições causais e dictomizações.....	32
2.3.1 Percepção Popular sobre a Corrupção – CORRUP.....	32
2.3.2 Insatisfação com a Democracia – DEMOCR.....	33
2.3.3 Desigualdade de Renda – DESIG.....	35
2.3.4 Percepção sobre a Economia – ECONO.....	36
2.3.5 Crise dos Partidos – CRISEPAR.....	38
Capítulo 3 – Resultados.....	40
3.1 Tabela-verdade.....	40
3.2 Outras considerações.....	44
Conclusão.....	48
Referências bibliográficas.....	51

Introdução

Os processos políticos ao redor do globo vêm, cada vez mais, sendo palco da ascensão de candidatos de fora do jogo político principal. Grande e mais atual exemplo desse fenômeno é a eleição do magnata Donald Trump, nos Estados Unidos, que não possuía experiência política alguma, se tornando popular por sua atuação empresarial e televisiva. Mas, não tão longe assim, nas próprias eleições brasileiras a retórica do candidato *outsider* foi bastante utilizada. Exemplo disso, a vitória do empresário João Dória (PSDB) para o governo de São Paulo, o qual se afirmava um gestor e não um político, Alexandre Frota, ator eleito deputado federal pelo Partido Social Liberal (PSL) de São Paulo, e ativistas do insurgente Movimento Brasil Livre (MBL), como Kim Kataguirí e Fernando Holiday, ambos deputados federais pelo Democratas (DEM) de São Paulo. No âmbito federal, ainda, essa narrativa foi, sem dúvida, crucial para a vitória do presidente Jair Bolsonaro (PSL), que, ainda que seja político de carreira, teve seu marketing eleitoral concentrado em afirmar o contrário. Todas essas figuras citadas construíram sua imagem em forte contraponto não só ao governo então vigente, mas à classe política como um todo. Mas, existe uma grande diferença entre ter o discurso de um *outsider* e de fato sê-lo. Dessa forma, essa pesquisa entende *outsider* como candidato que não possui experiências em cargos públicos eletivos e em papéis de destaque no governo estadual ou nacional.

Dito isso, a investigação maior a qual esse trabalho se volta é acerca de quais condições são necessárias para favorecer a chegada deste tipo de ator à presidência de um país, em específico no contexto da América Latina. Uma vez que, ao olharmos para o histórico da região, é possível perceber, desde o início de década de 1990, um alto volume de eleição de candidatos dessa natureza para cargos em diversas esferas da administração pública. Logo, se faz pertinente questionar o que levou (e ainda leva) *outsiders* a serem eleitos à presidência na América Latina. Nesse sentido, o trabalho seleciona, a partir de uma leitura dos argumentos principais da literatura recolhida, condições causais apontadas como facilitadoras da eleição desses atores. Assim, foram escolhidos cinco indicadores mais recorrentes, sendo eles: a) alta percepção popular sobre corrupção; b) o enfraquecimento dos partidos tradicionais; c) percepção popular negativa sobre a situação econômica; d) percepção popular negativa sobre a democracia e; e) alto nível de desigualdade de renda. Para cada um desses pontos foram criadas e testadas hipóteses. A análise comparativa foi conduzida a partir do método de Análise Qualitativa Comparada - *crisp-set* (csQCA), metodologia construída justamente com o principal objetivo de testar de hipóteses retiradas do diálogo com a teoria já

existente.

Logo, a partir do referido método, as hipóteses foram colocadas em prova. O trabalho, porém, encontrou que nenhuma condição causal se mostrou suficiente ou necessária para a ocorrência do fenômeno. Assim, as hipóteses construídas não puderam ser confirmadas, logo, não se pode afirmar que tais condições e suas configurações determinam, de fato, a eleição de candidatos *outsiders* às presidências na América Latina. O que não significa, por outro lado, que essas não contribuam, em associação a outras, para a construção de um ambiente favorável a eles. Além disso, ao final, o trabalho faz apontamentos para pesquisas futuras, a partir de questões percebidas ao longo de sua construção, como a importância de condições alternativas e de promover um estudo de contraste entre candidatos que se tornaram relevantes (em questão de número de votos) e aqueles que não.

Assim, esse trabalho se inicia com um primeiro capítulo voltado para a compreensão do que é um *outsider*, além de promover, também, um levantamento histórico desse tipo de candidato na América Latina. Em seguida, no segundo capítulo, é construída a análise em si. Desse modo, é apresentada a metodologia, bem como os casos em investigação, as condições causais e, conseqüentemente, as hipóteses da pesquisa. Já no terceiro capítulo, serão trabalhados os resultados, compreendendo a tabela-verdade e as minimizações booleanas, além das percepções obtidas a partir delas e ao longo da investigação. Por fim, o trabalho se encerra com uma breve conclusão.

Capítulo 1 – *Outsiders* enquanto atores políticos

1.1. O que são *outsiders*

A literatura acerca do tema ainda é bastante recente e em construção, de maneira que é comum que sejam dadas diferentes delimitações ao termo *outsider* a depender do contexto observado e dos objetivos da investigação. Nesse sentido, para a condução deste trabalho, se faz necessário delinear claramente o que será entendido por *outsider*. Para tal, serão elencados a seguir alguns autores que dão luz à questão e ajudam a capturar melhor as dimensões que o termo pode compreender. Ao fim, será proposta uma definição, a qual conduzirá as análises subsequentes.

Javier Corrales (2008) destrincha algumas definições de *outsiders* (em sua obra, utilizado como sinônimo de *newcomers*) em busca de uma que melhor se encaixa em sua proposta de pesquisa, que é a análise do comportamento dos eleitores frente a candidatura deste tipo de sujeito em comparação à de ex-presidentes. Desse modo, o autor entende que a melhor forma de restringir tal conceito é considerando *outsiders* como candidatos que concorrem à presidência sem experiência eleitoral anterior e sem atuação de grande projeção na administração pública. Nesse sentido, o ator pode ter relevância e atuação consolidada dentro do partido, uma vez que, eleitoralmente e na administração pública, seja um novato. Assim, Corrales (2008) entende, também, que um candidato à eleição presidencial que se encaixe nesses critérios só seria *outsider* na primeira vez em que concorresse ao pleito.

Em sentido semelhante, Villagra (2012), a partir da leitura de diferentes autores, define o conceito de *outsider* que será utilizado em sua investigação. A autora entende tais sujeitos como candidatos que se posicionam de forma distante e contrária à classe política tradicional. Estes buscariam estabelecer formas de comunicação e conexão direta com a sociedade, recusando os mecanismos oferecidos pelo sistema partidário tradicional. Nesse sentido, a viabilidade eleitoral desses candidatos se daria por meio do apelo retórico crítico aos partidos e elites políticas, tendo, assim, sua liderança forjada no exterior da organização partidária tradicional.

Já Barr (2009) constrói uma averiguação mais detalhada do tema, ao propor uma tentativa de diferenciar três conceitos comuns que são frequentemente confundidos. São esses, a ideia de “populismo”, “anti-establishment/antipolítica” e “*outsider*”. Para tal, o autor utiliza, com sucesso, diferentes lentes para enxergar o ator político, de forma a compreender o que o caracterizaria como representante de algum dos conceitos citados. Assim, a partir dos recursos

narrativos empreendidos para angariar apoio, da posição do sujeito frente o sistema partidário, e da relação entre o político e os cidadãos, o autor oferece uma distinção sólida dos três termos.

Em resumo, Barr (2009) enxerga que classificar um candidato como “anti-*establishment*/antipolítica” está estritamente ligado ao tipo de narrativa adotada pelo sujeito. Deste modo, seria compreendido como tal os atores que se valem de retóricas construídas de forma antagônica e combativa àqueles que estão em posição de poder, bem como ao *status quo* político geral (BARR, 2009). Em outra mão, os *outsiders*, nosso objeto principal, seriam aqueles atores, podendo ser tanto o indivíduo quanto o partido, e que ganham relevância sem se associar a partidos tradicionais (BARR, 2009). Por fim, o populismo seria um movimento de massa, resultado da configuração específica entre a figura do líder demagogo, o uso de retórica antielite e anti-*establishment* e fortes conexões diretas entre o líder e seus seguidores (BARR, 2009). Outra grande contribuição, além desta conceitualização, se dá na diferenciação entre discurso e localização. Em outras palavras, taxar de *outsiders* os sujeitos que se valem da narrativa antipolítica, quando estes estão posicionados no centro do sistema de partidos, seria, para o autor, errôneo.

Por fim, Carreras (2012) faz um apanhado de diversos pensadores que conceituam o termo *outsider* de forma a compreendê-lo. Nesse sentido, ele apresenta que Linz (1994) entende *outsiders* como candidatos que não são identificados ou apoiados por partidos políticos, que utilizam de discursos populistas e de oposição ferrenha, não tendo, em muitos casos, experiência política. Por outro lado, o autor encontra que Samuels e Shugart (2010) classificam esses candidatos como aqueles que possuem experiência política limitada, isto é, de pouca expressão e relevância, desde dentro do partido até cargos eletivos. Finalmente, o autor desenha sua ideia sobre o termo. Para ele, um *outsider* político seria aquele candidato que não possui carreira política ou na administração pública até o início da campanha política e/ou que concorra às eleições de forma independente ou por partidos recém-criados.

Percebe-se, finalmente, que a discussão acima apresenta, apesar de arestas incongruentes, noções comuns que permitem traçar uma visão geral do que seria um candidato *outsider*. Nesse sentido, tendo em vista o panorama analisado, bem como a proposta e extensão do trabalho em tela, será utilizado um conceito de *outsider* mais próximo ao proposto por Corrales (2008). Assim, este trabalho se refere a *outsider* enquanto candidato sem experiências prévias de grande expressão em cargos públicos eletivos, bem como papéis de destaque no governo estadual ou nacional, a exemplo da chefia de ministérios. Entretanto, ao contrário do autor, não serão descartados aqueles que já tiverem participado de alguma

outra corrida eleitoral. Isto porque a participação no processo eleitoral não necessariamente resulta no impulso necessário para se posicionar enquanto veterano político frente ao eleitorado, bem como ser absorvido efetivamente como parte do círculo político tradicional.

Dito isso, cabe agora compreender de que maneira estes atores estão posicionados no histórico das presidências latino-americanas.

1.2. Um histórico de *outsiders* nas presidências latino-americanas

A América Latina é frequentemente um local de referência para a literatura que aborda a chegada desses candidatos às lideranças dos estados. Dessa forma, é pertinente levantar o caminho histórico percorrido pela região dentro desse tema, a fim de compreender de que forma a questão se inseriu nas dinâmicas políticas da região. Note, porém, que é complexo estabelecer um fio histórico iniciado e conduzido a partir de sujeitos *outsiders* que simplesmente se candidataram. Isso porque muitos dos sistemas eleitorais da região aceitam até mesmo candidatos independentes para os pleitos. Em outras palavras, é relativamente comum um candidato sem experiência política estar presente em uma corrida eleitoral. Mas, não necessariamente esse se tornou relevante politicamente a partir disso, de forma que conseguir informações sobre ele e comprovar se de fato se qualifica como *outsiders*, se torna inviável para a realidade deste trabalho. Assim, são levados em conta para a construção desse apanhado histórico, assim como para toda a pesquisa, candidatos de relevância, compreendidos como aqueles que obtiveram mais de 5% dos votos válidos, a partir de 1995¹, e onde foi possível identificar informações sobre sua trajetória. Assim, não quer dizer, por exemplo, que Mario Vargas Llosa, tratado mais à frente, foi o primeiro candidato *outsider* da região ou mesmo do Peru, mas, sim, que esse foi o mais antigo candidato, relevante e passível de comprovação de trajetória por fontes confiáveis por esse trabalho, dentro do período delimitado.

1.2.1 Candidatos eleitos

Em 1998, é eleito na Venezuela o tenente-coronel das forças armadas Hugo Chávez, que governou o país até 2013. Sua projeção frente à população venezuelana começou no início da década de 90, quando este participou de uma tentativa de golpe para a derrubada do

¹ O corte em 1995 se dá tendo em vista o limite temporal de disponibilidade das fontes que irão alimentar as condições causais, uma vez que muitas não oferecem informações consolidadas e constantes para antes do período.

então presidente Carlos Andrés Pérez, que levava a cabo uma administração de cunho neoliberal (CARRERAS, 2015). O golpe falhou, resultando na prisão de Chávez, por dois anos. Apesar disso, o episódio proporcionou grande visibilidade ao futuro presidente, que viria a se tornar um símbolo da extrema esquerda. Após sua saída da prisão, Chávez abandonou as forças armadas, para se dedicar integralmente à atividade política. Assim, em 1998, embasado no combate à corrupção, bem como na rejeição ao neoliberalismo e às influências estadunidenses no país, Hugo Chávez, por meio do recém surgido *Movimiento Quinta República* (MVR), foi eleito presidente. Sua vitória foi um marco para a história da Venezuela, tanto pelas particularidades do candidato, quanto por ter dado fim ao *Pacto de Punto Fijo*² (CARRERAS, 2015).

Uma década depois da eleição de Fujimori³ no Peru, o país voltaria a eleger um candidato sem experiência para sua presidência, com a vitória de Alejandro Toledo. Economista e professor, Toledo trabalhou como consultor para diversos órgãos multilaterais, como as Nações Unidas (ONU), Banco Mundial (BM) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) (CARRERAS, 2015). Toledo criou o partido *País Posible* como forma de projetar sua oposição ao regime de Fujimori. O economista, então, se candidatou às eleições de 1995, recebendo menos de 5% dos votos válidos. Apesar da derrota, tal corrida eleitoral ajudou a difundir a imagem de Toledo enquanto alternativa ao governo de situação. Assim, em 2001, apoiado em um discurso de apelo social e em sua imagem enquanto candidato indígena, Alejandro Toledo se tornou o primeiro presidente do Peru pós-Fujimori (CARRERAS, 2015).

De forma quase idêntica a ascensão de Chávez na Venezuela, em 2003 foi a vez de outro militar chegar à presidência na América Latina, dessa vez, no Equador. Também sem experiência eleitoral ou na administração pública, Lucio Gutiérrez foi um comandante das forças armadas que se fez conhecido nacionalmente por uma tentativa frustrada de derrubada do presidente eleito Jamil Mahuad, no início dos anos 2000 (CARRERAS, 2015). Depois do episódio, Gutiérrez se tornou popular com discursos que o associavam à população indígena, movimentos sociais e pautas progressistas no país. Assim, o candidato aproveitou seu então prestígio para fundar o partido *Sociedad Patriótica 21 de Enero* (CARRERAS, 2015). Por ele, Gutiérrez se candidatou e venceu sua primeira eleição, em 2002, se tornando presidente do Equador. Seu governo, entretanto, acabou de forma precoce, com sua renúncia em 2005,

² Acordo entre os três maiores partidos da Venezuela, Ação Democrática, União Republicana Democrática e Copei, para que o partido eleito garantisse a participação igualitária dos três partidos no governo.

³ Fujimori foi um outsider, professor universitário, que conquistou a presidência do Peru em 1990, governando o país por uma década.

frente à pressão popular.

O Paraguai também teve sua experiência com presidentes *outsiders*. Primeiro, com Fernando Lugo, em 2008. Candidato pela coligação de esquerda Aliança Patriótica pela Mudança, Lugo foi um ex-bispo da Igreja Católica, expoente da Teologia da Libertação⁴, que, por conta de sua pretensão e atuação política, foi desvincilhado de suas atividades religiosas (CARRERAS, 2015). Lugo se construiu, então, como líder opositor ao Partido Colorado, que comandava a presidência do país por mais de 60 anos. Dessa forma, com um discurso voltado para o cuidado com os mais pobres, combate à corrupção e apoiado no desgaste da população frente o governo vigente, o ex-bispo venceu as eleições, governando o país até 2012, quando foi destituído por um processo de *impeachment* (CARRERAS, 2015).

Já em El Salvador, dois candidatos sem experiência eleitoral também chegaram à presidência. São eles, Antonio Saca, em 2004, e Mauricio Funes, em 2009. Saca foi um empresário da área de comunicação, se tornando nacionalmente conhecido por sua atuação como narrador esportivo (CARRERAS, 2015). Também da área de comunicação, Funes foi um jornalista, e se tornou popular por conta de seu programa de entrevistas (CARRERAS, 2015). Entretanto, diferente dos casos até aqui listados, ambos foram eleitos por partidos tradicionais, ou seja, já bem estabelecidos no sistema político. Saca foi candidato do Partido de Conciliação Nacional (PCN), de cunho conservador, já Funes, se elegeu pela Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), de esquerda (CARRERAS, 2015).

De volta ao Peru, outro militar se beneficiou de uma tentativa frustrada de golpe contra a presidência. Ollanta Humala tentou derrubar Alberto Fujimori nos anos 2000, tendo sua revolta dissipada pelas forças armadas e sendo obrigado a se esconder. Graças ao *impeachment* sofrido pelo então presidente no mesmo ano, Humala foi perdoado pelo Congresso e voltou às suas atividades como militar (CARRERAS, 2015). Em 2005, o militar criou o Partido Nacionalista Peruano, pelo qual se lançou às eleições de 2006. Se valendo de um discurso de extrema esquerda, Humala perdeu as eleições para o ex-presidente Alan García. Apesar disso, ao contrário da primeira experiência, Ollanta saiu vitorioso de sua segunda tentativa eleitoral, em 2011. Dessa vez, munido de um discurso mais conciliador e moderado, o militar conseguiu se tornar o 65º presidente de seu país, superando a candidata Keiko Fujimori (CARRERAS, 2015).

Semelhante aos casos salvadorenos, Horácio Cartes foi outro candidato *outsider* que concorreu por partidos tradicionais, agora no Paraguai, em 2013. Empresário, saudoso da

⁴ A Teologia da Libertação é uma corrente de pensamento católico surgida na América Latina nos anos 60. É voltada para o combate à pobreza e desigualdade social.

ditadura de Alfredo Stroessner e uma das pessoas mais ricas do país, Cartes esteve envolvido em diversas acusações, como lavagem de dinheiro e tráfico de drogas, antes de iniciar sua carreira política (WALLENFELDT, 2013). Em 2009, se filiou ao Partido Colorado, partido que governou o país por 61 anos antes de ser derrotado por Fernando Lugo em 2008. Assim, Cartes foi tido como o candidato que traria de volta a glória do maior partido do país, vencendo as eleições a partir de uma plataforma de campanha conservadora, que prometia parar a reforma agrária, atrair investimento estrangeiro e restituir as relações do Paraguai com os países vizinhos, que estava estremecida em razão da desconfiança sobre a legalidade do processo de *impeachment* de Lugo (WALLENFELDT, 2013).

Por fim, na Guatemala, o caso mais recente, um comediante foi eleito presidente em 2015. Jimmy Morales fez carreira em programas de humor na televisão guatemalteca e teve sua primeira tentativa eleitoral em 2011, para a prefeitura do município de Mixco, não obtendo sucesso (MORALES, 2015). Dois anos depois, Morales entrou para o pequeno partido Frente de Convergência Nacional (FNL), criado em 2008 por ex-militares, onde chegou ao cargo de Secretário Geral. De cunho conservador e de direita, o partido teve pouca expressão nas eleições que se seguiram, tendo sua primeira vitória eleitoral substantiva justamente com Morales, na corrida presidencial de 2015. Durante a campanha, Jimmy Morales focou em criar uma imagem que o separasse da classe política do país, exemplo disso, o slogan “*Ni corrupto, ni ladrón*”, que explorava a visão negativa que a população tinha sobre os políticos da Guatemala, por conta dos diversos escândalos de corrupção (ELIAS, 2015).

1.2.2 Candidatos não eleitos

Em 1996, no Equador, o jornalista e apresentador de televisão Freddy Ehlers se candidatou, sem sucesso, à presidência. Freddy estava à frente do programa televisivo mais assistido do país no momento, o *La Televisión*. Nesse sentido, sua popularidade o tornava almejado por grandes partidos, o que lhe rendeu diversos convites para se candidatar a prefeituras e governos estaduais (VARGAS, 2006). Mas, Ehlers acreditava conseguir mais e optou por concorrer à presidência. Assim, devido à sua proximidade com a Confederação das Nacionalidades Indígenas do Equador (CONAIE), maior organização indígena do país, Freddy foi lançado candidato pelo *Movimiento de Unidad Plurinacional Pachakutik – Nuevo País*. Tal partido foi criado no mesmo ano em que se dariam as eleições, e era pautado basicamente na defesa dos interesses indígenas no país (COLLINS, 2004). Mas, ainda que

contasse com popularidade e prestígio, Ehlers não conseguiu se eleger, chegando em terceiro lugar, com pouco mais de 20% dos votos (NOHLEN, 2005). Entretanto, o vencedor do pleito Abdalá Bucaram foi removido da presidência com menos de um ano de mandato, quando o Congresso o destituiu alegando incapacidade mental (NOHLEN, 2005). Assim, uma nova eleição foi convocada em 1998, onde Ehlers voltou a concorrer. Mas, com porcentagem semelhante à anterior, perdeu novamente (NOHLEN, 2005).

Na Bolívia, um candidato sem experiência também tentou conquistar a presidência, em 1997. Ivo Kuljis foi um empresário, dono de grandes empresas como Kimberly-Clark Bolívia, Hipermáxi, Empacar, Rede Uno e do Banco Econômico, um dos maiores do país (CENTELLAS, 2007). Lançado pelo partido populista Unidade Cívica Solidariedade (UCS), Kuljis era um candidato pró-mercado, com discursos de recuperação econômica e combate à pobreza (CENTELLAS, 2007). Para compensar a falta de experiência, sua imagem foi moldada como um candidato técnico, afastado de ideologias políticas. Todavia, a estratégia não funcionou como o esperado, e Kuljis terminou a disputa eleitoral em quarto lugar, com pouco mais de 14% dos votos válidos, perdendo para o ex-presidente Hugo Banzer (CENTELLAS, 2007). Mas, a disputa o rendeu frutos, entre eles, a chefia do Ministério da Economia e Desenvolvimento do governo recém-eleito (CENTELLAS, 2007).

Ainda na Bolívia, a próxima eleição, em 2002, contou com Felipe Quispe, outro *outsider* em busca da presidência. Indígena e líder sindical, Quispe fundou, em 2000, o Movimento Indígena Pachakuti (MIP), partido político construído a partir das transformações do *Eje de Convergencia Patriótico*, partido cada vez mais reduzido (CENTELLAS, 2007). Ambos partilhavam as pautas de defesa campesina e indígena, mas o MIP obteve mais sucesso em se projetar de forma militante e combativa (CENTELLAS, 2007). Em campanha, Quispe reforçou seu papel enquanto opositor do governo, de políticas neoliberais e das ingerências dos Estados Unidos sobre o país, principalmente no que tangia o combate às plantações de folha de coca (CENTELLAS, 2007). Mas, com cerca de 6% dos votos, o candidato ficou em quinto lugar. Apesar disso, ocupou uma das cadeiras obtidas por seu partido no legislativo, renunciando, em protesto, pouco tempo depois (CENTELLAS, 2007).

Em 2003, no Paraguai, Pedro Fadul, administrador e professor universitário, concorreu as eleições presidenciais por um partido criado por ele mesmo, o Partido Pátria Querida (PPQ). Fadul dava aulas de administração na Universidade Católica e fundou uma das maiores empresas do mercado financeiro do país, a Parapiti (PATRIA QUERIDA, 2018). Também criou diversas organizações com fins sociais, dentre elas a DEQUENI, dedicada ao apoio a famílias carentes, a Fundação Aliança, dedicada à capacitação de professores e outras

ações educacionais, e da Transparência Paraguai, braço da Transparência Internacional (PATRIA QUERIDA, 2018). Além disso, também se tornou popular por sua atuação esportiva, ganhando diversas competições automobilísticas. Em 2001, Fadul criou o PPQ, pelo qual foi candidato às eleições presidenciais nos anos de 2003 e 2008 (PATRIA QUERIDA, 2018). Na primeira ocasião, Pedro ficou em terceiro lugar, tendo um resultado superior à sua segunda tentativa, onde chegou em quarto lugar (PATRIA QUERIDA, 2018). Na última ocasião, ganhou Fernando Lugo, outro *outsider*.

1.3. O que leva candidatos *outsiders* a serem eleitos?

Ao se analisar a literatura sobre *outsiders* se constata que existem diversas camadas para se abordar e enxergar o tema. Os autores que serão trabalhados abaixo apresentam suas lentes e métodos para destrinchar a questão e oferecem conclusões únicas voltadas, claro, para distintas perguntas de pesquisa. Apesar disso, é possível identificar fatores nestes trabalhos que seguem uma mesma lógica e são importantes para o questionamento que essa pesquisa faz. Assim, serão destacados a seguir as discussões apresentadas por cada autor, a fim de jogar luz aos seus principais argumentos para que, assim, seja dada a base para a construção das hipóteses.

Um desses atores, Mayorga (2006), desenvolve seu trabalho de maneira a analisar o período pós-eleitoral, isto é, os possíveis efeitos da chegada de *outsiders* e populistas após vencerem e assumirem a presidência. Não obstante, o autor discorre também sobre aspectos anteriores, ou seja, o que levaria esses atores a serem favorecidos nas corridas eleitorais, o que é de maior interesse do presente trabalho. Assim, sua análise, focada nos países andinos, traz como argumento principal a ideia de que a ascensão de *outsiders* e populistas encontraria campo fértil em países onde houvesse crise de governabilidade e o enfraquecimento do sistema tradicional de partidos políticos (MAYORGA, 2006). A crise de governabilidade se refere, principalmente, à incapacidade do governo em responder de forma eficiente às demandas sociais. Nesse sentido, a população veria o governo com descrédito e se sentiria desconectada dele, gerando uma crise de representatividade. De forma semelhante, o enfraquecimento dos partidos se daria também pela incapacidade em se conectarem com a população. O autor argumenta que, nesses casos, o sistema partidário não conseguiria criar e manter mecanismos de reflexo social, tornando os partidos grupos de exclusividade que não conversariam eficazmente com a sociedade (MAYORGA, 2006). Ambos os fenômenos também seriam intensificados por questões exógenas, como escândalos de corrupção e

problemas econômicos, onde a população passa a demandar maiores respostas das esferas públicas (MAYORGA, 2006). Desse modo, cria-se espaço favorável ao aparecimento de novos atores, com discursos e imagem desvencilhados do governo e dos partidos tradicionais. Para exemplificar, o autor cita o caso do Alberto Fujimori, no Peru e de Hugo Chávez, na Venezuela. Em ambos os acontecimentos, os então candidatos se valeram de conjunturas de desencanto social e desestabilidade política para captar o interesse popular, se apresentando como opções novas e combativas ao modo tradicional de se fazer política (MAYORGA, 2006).

Em uma linha de raciocínio parecida, Miller (2011) também procura entender o que leva *outsiders* populistas⁵ ao poder pelo mundo. Em específico, a pergunta de pesquisa do autor se constrói a partir da constatação de que governos comandados por *outsiders* tenderiam a deixar o país em piores condições em comparação ao período pré-eleitoral (MILLER, 2011). Assim, ele busca entender, considerando a racionalidade dos eleitores, por que este tipo de candidato continuaria sendo eleito. Para isso, é estruturado um modelo matemático próprio que para simular o comportamento eleitoral em uma disputa entre um candidato tradicional e um *outsider*. A partir dele, Miller (2011) encontra que países com maior desigualdade de renda tendem a ser campos férteis para a eleições desses candidatos, em comparação com aqueles de menor desigualdade de renda. Também, o autor infere que sistemas eleitorais com o mecanismo do segundo turno geralmente inibem mais a vitória de *outsiders* populistas. Isto porque a imagem destes candidatos e a identificação do eleitorado seria construída muito em oposição aos políticos tradicionais. Logo, em um eventual segundo turno, com a saída de muitos candidatos tradicionais, essa assimilação dos eleitores com o novo ator seria enfraquecida (MILLER, 2011). Outro ponto de influência, segundo ele, pode ser a questão dos partidos, de forma análoga a Mayorga (2006). Nas palavras do autor, “*outsiders* tem maior chance quando partidos tradicionais não correspondem às expectativas” (MILLER, 2011). Por fim, o autor também cita uma percepção negativa do funcionamento da democracia como fator catalisador para a eleição desse tipo de candidatos. Nesse ponto, Miller (2011) afirma que na América Latina imperaria uma ordem política clientelista e elitista, a qual seria responsável pelo mal funcionamento do sistema democrático, denunciado pelos altos níveis de corrupção, bem como pela “captura” dos políticos tradicionais dentro de sua lógica de funcionamento. Assim, os atores *outsiders* teriam diferente apelo à população por não estarem

⁵ Note que Miller (2011) tem como objeto de análise candidatos *outsiders* populistas, como um só. Diferente de Mayorga (2006), que se refere a *outsiders* e populistas como sujeitos distintos. Isto se dá porque nem todo candidato *outsider* adota, apesar de comum, discursos populistas. Assim, Miller (2011), está discutindo sobre candidatos que, além de *outsiders*, possuem caráter populista.

relacionados à esta ordem tradicional (MILLER, 2011).

Mitra e Karakas (2017) também elaboram um modelo matemático de competição eleitoral entre um *outsider* e um candidato tradicional em eleições para distintos níveis do governo. Entretanto, o trabalho desses autores se diferencia do anterior ao passo que o questionamento aqui feito gira em torno da eleição de candidatos extremistas. Nesse sentido, são atribuídas identificações ideológicas e propostas de governo fixas. Assim, os resultados correm o risco de estarem mais associados à questão ideológica do que ao fato do candidato ser ou não *outsider*. Entretanto, durante o trabalho, os autores fornecem alguns achados interessantes, que se relacionam com o restante da literatura. Um deles é a questão de se ter percebido que ambientes onde a desigualdade de renda era maior, o candidato *outsider* obteve maior vantagem (MITRA E KARAKAS, 2011). Além disso, quanto maior o extremismo ideológico atribuído aos candidatos, maior seria chance de o *outsider* ser eleito (MITRA E KARAKAS, 2011). Os resultados, ainda, inferem que o eleitorado percebia os candidatos tradicionais como mais propícios a abandonarem suas promessas de campanha em prol da manutenção do status quo do que os *outsiders* (MITRA E KARAKAS, 2011).

Já Carreras (2015) busca fazer uma análise bem mais profunda desses atores. Seu trabalho é desenvolvido em cima do que os levam a surgir, serem eleitos e quais suas consequências para a democracia e suas instituições. A investigação se dá por meio de uma análise quantitativa, bem como de uma análise qualitativa extensa sobre o caso de Fujimori. Dessa forma, o autor encontra que alguns fatores institucionais facilitam a existência de candidatos *outsiders* na corrida eleitoral, como a não concorrência de eleições para legislativo e executivo, a obrigatoriedade do voto, e a não existência de reeleição (CARRERAS, 2015). Além disso, o crescimento econômico (em termos de aumento do Produto Interno Bruto - PIB) não seria suficiente para repelir a emergência dos candidatos *outsiders*. Mas, se o país estivesse experimentando alta da inflação e aumento da pobreza, estes teriam mais chances de emergirem (CARRERAS, 2015).

É interessante notar, ainda, que o autor apresenta uma hipótese inferindo que a existência de um sistema de segundo turno seria positiva em termos de facilitar a entrada de *outsiders* no pleito eleitoral, o que contraria o argumento de Mayorga (2006) (CARRERAS, 2015). Isso porque os candidatos inexperientes e seus partidos se sentiriam confiantes em participar, uma vez que, não indo para o segundo turno, poderiam barganhar seu apoio em troca de ganhos políticos, além do fato da existência de dois turnos abrir espaço para estimular “votos de protesto” (CARRERAS, 2015). Entretanto, o autor não consegue confirmar tal hipótese, de maneira que não foi observada nenhuma correlação entre esse tipo de sistema

eleitoral e a ascensão ou não de *outsiders*, o que continua sendo contrário ao achado de Mayorga (2006) (CARRERAS, 2015).

Passado o ponto do aparecimento, o autor foca no tema da vitória eleitoral. Assim, Carreras (2005) afirma que, uma vez dentro das eleições, a existência de uma crise de representação política⁶ seria um grande facilitador para a chegada desses atores à presidência. Ainda, o sucesso eleitoral de um *outsider* não apresentaria influência sobre a candidatura de outro posterior (CARRERAS, 2015). Por fim, o autor aponta que a maturidade da democracia de um país também pode influenciar⁷ tal fenômeno, visto que, com o passar dos tempo, as expectativas acerca dos benefícios da democracia e seu funcionamento passam a ser cair com maior força, por conta de rupturas como escândalos de corrupção e percepção de ineficiência das instituições políticas (CARRERAS, 2015).

Em outro sentido, Villagra (2012), elabora um estudo focado em analisar as experiências do Peru, com Fujimori, e Paraguai, com Fernando Lugo. Dessa forma, a autora traz que, nos dois casos, os *outsiders* foram alavancados pelo desgaste dos partidos tradicionais, a existência de escândalos de corrupção e o mal desempenho das elites políticas, traduzido no descontentamento social frente as instituições políticas em razão da má resposta às demandas populares (crise de representatividade) (VILLAGRA, 2012). A autora encontra, ainda, que a eleição dos dois candidatos provocou mudanças significantes no sistema partidário desses países. No Peru, após a chegada do fujimorismo ao poder, os partidos tradicionais desapareceram, dando espaço a partidos efêmeros que pouco duravam. Somente depois do fim do governo Fujimori, a configuração partidária voltaria a se reorganizar (VILLAGRA, 2012). Do lado paraguaio, as mudanças foram mais esperadas, uma vez que a vitória de Lugo representou o fim de 61 anos do Partido Colorado na presidência do país. Assim, houve uma reorganização absoluta do poder e papel dos partidos após 2008 (VILLAGRA, 2012). Por fim, a autora afirma que a eleição de Néstor Kirchner na Argentina em 2003 e a derrota de Humala no Peru em 2006 se deram em conjunturas que possuíam desconfiança popular frente as instituições, alta corrupção e crise dos partidos tradicionais, mas, mesmo assim, não ocorreu do *outsider* (VILLAGRA, 2012).

Por outro lado, Corrales (2008), desenvolveu seu trabalho buscando entender o que levaria *outsiders* (ou *newcomers*) e ex-presidentes a se (re)elegerem na América Latina, em uma tendência que ele denomina de “neocaudilhismo”. No que tange os *outsiders*, os

⁶ Essa crise se daria nos mesmos termos trazidos por Mayorga (2006), explicada anteriormente.

⁷ Em específico, o autor afirma que as chances de eleição desses candidatos aumentam em 0,39% a cada ano que se passa desde a redemocratização (CARRERAS, 2005).

argumentos do autor giram em torno da ideia de que a existência de crises partidárias e conjunturas de instabilidade atuariam como catalisadores para o seu sucesso eleitoral (CORRALES, 2008). Em relação a crise dos partidos tradicionais, o autor infere que essas podem ser tanto o motivo dos atores sem experiência decidirem concorrer, quanto podem ser responsáveis pela fragmentação dos partidos, permitindo a entrada de atores antes expelidos (CORRALES, 2008). Já quanto à instabilidade, se destacam a volatilidade econômica e política e um alto grau de corrupção e violência urbana (CORRALES, 2008). Além disso, Corrales (2008) encontra que a presença de ex-presidentes na corrida eleitoral pode atrair os votos destinados aos candidatos sem experiência. Por fim, o autor conclui que um alto número de ex-presidentes e *outsiders* concorrendo e sendo eleitos seria negativo para democracia ao passo que poderia acarretar no enfraquecimento das instituições e na polarização social (CORRALES, 2008).

Por fim, Rodríguez (2016) utiliza uma abordagem diferente da vista até aqui. Ele investiga a eleição de candidatos inexperientes pelo mundo nos últimos 30 anos a partir do campo da Comunicação Política. Nesse sentido, o autor aponta para um fenômeno de maior personalização da política, que se tornou possível por conta dos novos meios de comunicação, principalmente TV e internet. Esse modo de fazer política, muito mais focado na figura do indivíduo, propiciaria o aparecimento de atores que se baseariam mais em seu carisma e apreço popular, o que gera interesse e publicidade por parte dos meios de comunicação, do que em suas propostas de fato (RODRÍGUEZ, 2016). Por outro lado, o autor traz que alguns fatores conjunturais facilitariam a ascensão desses novos atores personalistas (*outsiders*) ao sucesso eleitoral. Nesse sentido, o ambiente favorável a eles giraria em torno de um sentimento de desafeição social à classe política (RODRÍGUEZ, 2016). Entre os fatores que levariam ao enfraquecimento da imagem política tradicional e à consequente desconfiança popular, o autor cita as crises econômicas e os escândalos de corrupção (RODRÍGUEZ, 2016). Além disso, Rodríguez (2016) alerta, ainda, para o perigo à democracia dos governos de *outsiders*, tendo em vista que esses formariam administrações menos sólidas e mais polarizadas, bem como incentivariam a prejudicial política baseada na personalização.

Percebe-se, a partir dos atores citados, que existem diversos pontos, analisados sob diversas lentes, pertinentes para a análise de sujeitos sem experiência política no antes, durante e depois do período eleitoral. Apesar de cada autor adotar seu entendimento do que seria um *outsider*, seus estudos nos ajudam a compreender e construir mais conhecimento sobre a área em geral. Assim, são apontados fatores diversos como aqueles relativos a fragilidades econômicas e políticas, como crise de representatividade, crise política,

enfraquecimento dos partidos e escândalos de corrupção. Tais fatores acabam tangenciando, de uma forma ou outra, todos os trabalhos aqui analisados. Dessa forma, não obstante a importância dos outros apontamentos e questões valiosas para o fenômeno, como o desenho de campanha, o carisma do candidato, bem como as particularidades histórico-sociais de cada país e eleição, este trabalho tem por objetivo investigar fatores relativos à conjuntura nacional. Logo, esses serão os aspectos levados em conta para a construção das hipóteses.

Capítulo 2 - Análise

2.1. Método - Análise Qualitativa Comparada – *crisp-set* (csQCA)

A análise comparativa deste trabalho será conduzida a partir do método de Análise Qualitativa Comparada - *crisp-set* (csQCA), formulado em 1987 pelo acadêmico Charles Ragin, da Universidade da Califórnia (RIHOUX; MEUX, 2009). Tal metodologia visa, principalmente, permitir a testagem de hipóteses retiradas do diálogo com a teoria existente. Este se mostra adequado por permitir uma análise com caráter qualitativo e quantitativo do fenômeno a partir dos distintos casos escolhidos, mantendo, ainda, um alto grau de generalidade. Além disso, tendo em vista a extensão deste trabalho, o método é ideal ao passo que é voltado para a análise de pequeno ou médio número de casos (RIHOUX; MEUX, 2009).

Assim, a aplicação do modelo *crisp-set* do QCA consiste na tentativa de confirmação das hipóteses a partir da identificação de diferentes configurações de variáveis. Isto é, são empregados os valores binários 0 ou 1 para cada variável, de forma a indicar sua presença em determinado caso (RIHOUX; MEUR, 2009). A partir disso, será possível identificar quais configurações dessas variáveis são propícias para a ocorrência do evento. Também, permite identificar as condições necessárias, isto é, aquelas que sempre devem estar presentes para a existência do fenômeno, bem como as suficientes, que por si só permitem sua ocorrência. (RIHOUX; MEUR, 2009). Após a distinção binária dos indicativos em cada caso, é formulada uma tabela, de forma a agrupar casos com configurações iguais, a chamada tabela-verdade. Nela é possível observar quais as configurações são mais frequentes, tanto para a ocorrência quanto para a ausência do fenômeno estudado (WAGEMANN; SCHNEIDER, 2010). Depois, por meio da álgebra booleana, é feita uma simplificação das configurações obtidas de forma a produzir e destacar fórmulas sumárias que assinalem as principais configurações para a ocorrência do fenômeno (WAGEMANN; SCHNEIDER, 2010).

Entretanto, a utilização deste método pode incorrer em certas limitações. A maior simplificação oferecida por ele, ao tratar as variáveis de forma binária, pode acabar gerando configurações contraditórias. Ou seja, a mesma composição causal pode apontar para a ocorrência e não ocorrência do fenômeno. Isto porque o *crisp-set* não abarca variáveis que estejam localizadas em algum lugar entre os extremos 0 e 1. Por exemplo, uma variável que representa a violência de certo local seria expressa em 1 – violência presente/alta violência ou 0 – violência não presente/baixa violência, não distinguindo outros pontos possíveis dentro do desse espectro. Deste modo, alguns detalhes que podem ser preciosos para a análise podem acabar se perdendo (WAGEMANN; SCHNEIDER, 2010).

Para mitigar tais questões, existem outras variações do QCA que podem ser utilizadas. Por exemplo, o *multi-value* QCA (mvQCA), que vai um pouco mais além da simplicidade do *crisp-set* mas mantém, ainda sim, alto grau de facilidade. Nele, é possível ir além do binarismo e distribuir as variáveis em uma gama maior de valores. Além do mvQCA, existe o *fuzzy-set* QCA (fsQCA), onde a dicotomização não se dá em valores rígidos, mas em espectros contínuos. Dessa forma, um maior grau de complexidade e detalhamento é presente na análise (RIHOUX; MEUX, 2009). Apesar dessas diferenças, nenhuma das variações do QCA se propõem a oferecer respostas rígidas e absolutas, uma vez que não se limitam aos resultados obtidos pelas minimizações booleanas citadas. Pelo contrário, se espera que os resultados obtidos pelo QCA permitam a aplicação de análises subjetivas, que explorem a multiplicidade causal do universo analisado, a partir dos contextos que circundam caso a caso (WAGEMANN; SCHNEIDER, 2010).

Posto isso, é necessário compreender a realidade do estudo que se propõe para que se escolha a metodologia mais adequada. Para a investigação aqui presente, se optou por utilizar o csQCA, por entender que ele é compatível ao seu intuito e atende suas particularidades, uma vez que o objetivo é botar em prova as hipóteses obtidas a partir da leitura da literatura base. Assim, para auxiliar na organização dos casos e variáveis, na produção da tabela-verdade e nas reduções booleanas, será utilizado o software fsQCA 3.0 (RAGIN; DAVEY, 2016), criado e disponibilizado online pelo próprio Charles Ragin.

2.2. Casos selecionados

Esse estudo em questão se dará a partir da comparação de 15 casos no total, abrangendo Peru, Paraguai, Guatemala, Venezuela, El Salvador, Bolívia e Equador, sendo 9 casos de sucesso, ou seja, onde o candidato conseguiu ser eleito, e 6 de insucesso, onde o ator perdeu as eleições. Os casos se estendem temporalmente de 1998, com Hugo Chávez na Venezuela, a 2016, com Jimmy Morales na Guatemala. Os casos anteriores a 1998, como de Violeta Chamurro na Nicarágua e Fujimori no Peru, apesar de relevantes, tiveram de ser desconsiderados por conta da dificuldade em sumarizar os dados quantitativos a partir de uma mesma fonte. Por exemplo, as informações oferecidas pelo *Latinobarómetro*, que serão utilizadas para classificar a percepção sobre a economia, confiança nos partidos políticos e satisfação com a democracia, não foi capaz de oferecer dados para esses casos.

Em relação aos casos de insucesso, é incontestável que não existiram apenas 6 na América Latina. Pelo contrário, é possível apontar candidatos *outsiders* em quase muitas das

eleições de diversos países, o que é mitigado ou incentivado pela possibilidade de candidaturas independentes, por exemplo. De qualquer maneira, para os fins deste trabalho, foram selecionados casos onde o candidato obteve relevância eleitoral, sendo adotado um limiar de no mínimo 5% de votos válidos. Soma-se a isso o fato de que os candidatos com número ínfimos de votos muitas vezes não possuem informações de amplo acesso, de forma que é difícil confirmar as características básicas do objeto do estudo, isto é, ser um candidato sem histórico de atuação em cargos públicos de destaque e em cargos eleitorais, por exemplo.

As informações sobre os candidatos foram retiradas, basicamente, da *Political Database of the Americas* (2009), criada pelo Centro de Estudos Latino-americanos da Universidade de Georgetown. Nela é possível encontrar informações como a lista de candidatos, o partido pelo qual concorreram, número de votos em ambos os turnos (se houver), bem como informações sobre o regime eleitoral de cada país, como a obrigatoriedade do voto, a existência de segundo turno, quem pode votar, o calendário eleitoral e outras informações. Os casos das eleições paraguaias de 2013 e guatemaltecas de 2015, se excetuam por não estarem abrangidos no espaço temporal desta base de dados, que teve sua última atualização em 2009. Desta forma, os dados desses dois casos foram retirados dos sites de seus respectivos tribunais eleitorais. Abaixo, duas tabelas que reúnem as informações de cada candidato.

Tabela 1: Candidatos *outsiders* que venceram as eleições

Ano	País	Candidato	Partido	Votos (1º turno)	Votos (2º turno)
1998	Venezuela	Hugo Chávez	Movimento Quinta República (MVR) ⁸	3,673,685 (56,20%)	País não possui 2º turno
2001	Peru	Alejandro Toledo	País Possível	3,871,167 (36.51%)	5,548,209 (53.08%)
2002	Equador	Lucio Gutiérrez	Sociedade Patriótica 21 de Janeiro	913,113 (20.43%)	2,803,243 (54.79%)
2004	El Salvador	Antonio Saca	Partido de Conciliação Nacional (PCN)	1,314,436 (57.71%)	Candidato ganhou em 1º turno
2008	Paraguai	Fernando Lugo	Aliança Patriótica para a Mudança (APC)	766.502 (40.9%)	País não possui 2º turno
2009	El Salvador	Mauricio Funes	Frente Faribundo Marti para a Liberação Nacional (FMLN)	1.354.000 (51,32%)	Candidato ganhou em 1º turno

⁸ Os nomes dos partidos estão em tradução livre.

2011	Peru	Ollanta Humala	Partido Nacionalista Peruano	4.643.04 (31.69%)	7,937,704 (51.45%)
2013	Paraguai	Horacio Cartes	Partido Colorado	1.104.169 (45.83%)	País não possui 2º turno
2015	Guatemala	Jimmy Morales	Frente de Convergência Nacional (FCN)	1,167,030 (23.85%)	2 393 269 (65.48%)

Fonte: Elaboração própria com dados da *Political Database of the Americas* (2009), Tribunal Superior de Justiça Eleitoral do Paraguai (2013) e Tribunal Superior Eleitoral da Guatemala (2016).

Tabela 2: Candidatos *outsiders* que perderam as eleições

Ano	País	Candidato	Partido	Votos (1º turno)	Votos (2º turno)
1996	Equador	Freddy Ehlers	Novo País	785,124 (17.35%)	Não chegou ao 2º turno
1997	Bolívia	Ivo Kuljis	Unidade Cívica Solidariedade (UCS)	350,728 (15.9%)	Não chegou ao 2º turno
1998	Equador	Freddy Ehlers	Novo País	566,917 (14.3%)	Não chegou ao 2º turno
2002	Bolívia	Felipe Quispe	Movimento Indígena Pachakuti (MIP)	169,239 (6.09%)	Não chegou ao 2º turno
2003	Paraguai	Pedro Fadul	Movimento Pátria Querida (MPQ)	328.598 (21.3%)	País não possui 2º turno
2006	Peru	Ollanta Humala	União pelo Peru	3.758.258 (30,62%)	6.270.08 (47,37 %)

Fonte: Elaboração própria com dados da *Political Database of the Americas* (2009).

Humala e Ehlers aparecem duas vezes nas tabelas, ou seja, participaram de duas eleições. Isto não é impeditivo para ser classificado enquanto objeto do estudo, como explicado na seção sobre a definição de *outsider* para o trabalho. Logo, serão consideradas para a análise as candidaturas de Ollanta Humala no Peru, candidato nos pleitos de 2006 e 2011, e Freddy Ehlers, do Equador, candidato em 1996 e 1998. Humala, vencedor de sua segunda disputa eleitoral, ainda que com distinções claras em seu discurso, era visto e apresentado como um ator à parte do campo eleitoral tradicional do país. Sua presença na discussão se justifica ainda, por este ser largamente considerado um presidente *outsider* pela literatura, a exemplo de Carreras (2015) e Villagra (2012). Já Ehlers participou de sua segunda disputa com menos de dois anos de diferença, por razão do afastamento do presidente Abdalá Bucaram, eleito em 1996, resultando em pouca mudança em seu discurso, assim como em sua posição no jogo político.

2.3. Hipóteses, condições causais e dicotomizações

Abaixo, serão apresentadas e explicadas as hipóteses, a partir da literatura discutida no primeiro capítulo. Em seguida, as informações serão sumarizadas em tabelas. Note que os casos estão identificados por meio da forma PAÍS_CANDIDATO_ANO, onde PAÍS é representado por sua sigla oficial. As últimas colunas estão identificadas com as siglas que representarão as condições causais e, abaixo, o correspondente binário do valor encontrado a partir das fontes de cada condição.

2.3.1. Percepção Popular sobre a Corrupção - CORRUP

A percepção da população sobre a corrupção de seu país é um dos elementos chave trazidos pela literatura para compreender a emergência de um *outsider*. Villagra (2012) afirma que a ocorrência de escândalos de corrupção sobre a máquina pública e figuras da política tradicional reforçam a ideia popular de mal desempenho desses atores. Dessa forma, se alimenta a falta de confiança, abrindo espaço para novos agentes. No mesmo sentido, Corrales (2008) e Rodríguez (2016) partilham a ideia de que a corrupção é um crucial elemento de volatilidade para o *status quo*, isto é, esta fomenta a busca por vias alternativas. Miller (2011) destrincha ainda mais o impacto da corrupção nesse sentido ao deixar claro que esta é percebida pela população não apenas pelos políticos e/ou partidos diretamente envolvidos, mas sobre toda a configuração política vigente. Assim, a primeira hipótese a ser testada será:

Hipótese 1: candidatos outsiders tendem a serem eleitos em contextos de alta percepção popular sobre corrupção.

Para promover a dicotomização desse aspecto causal, serão utilizados os dados disponibilizados anualmente pela organização Transparência Internacional em seu Índice de Percepção da Corrupção (IPC). Este apreende a percepção popular da corrupção sobre o setor público de diversos países e territórios desde 1995, os classificando em uma escala de 0 a 10, sendo 0 o cenário de maior corrupção. Tendo em vista a grande subjetividade que assola capturar e ranquear países com base em sua corrupção, a escolha de tal fonte se justifica por se mostrar contínua historicamente, o que ajuda a solidificar e padronizar a argumentação pretendida.

Tendo em vista a classificação da Transparência Internacional, intuitivamente se intenta dividir os países entre aqueles que obtêm acima de 5 pontos no IPC e aqueles que

obtêm menos. Entretanto, como aponta Corrales (2008), alguns fenômenos são historicamente persistentes na América Latina, o que pode resultar em uma baixa influência destes sobre a escolha eleitoral da população. Assim, para fins deste trabalho, optou-se por dicotomizar os casos entre aqueles que obtiveram abaixo de 4 no IPC do ano da eleição, sendo atribuído o valor 1, e aqueles que obtiveram igual ou mais que 4, com valor 0.

Tabela 3: Percepção da Corrupção

CASO	ICP	CORRUP
VE_Chávez_1998	2.77	1
PE_Toledo_2001	4.1	0
EC_Gutiérrez_2002	2.2	1
SV_Saca_2004	4.2	0
PY_Lugo_2008	2.4	1
SV_Funes_2009	3.4	1
PE_Humala_2011	3.4	1
PY_Cartes_2013	2.4	1
GT_Morales_2015	2.8	1
EC_Ehlers_1996	3.19	1
BO_Kuljis_1997	2.05	1
EC_Ehlers_1998	2.3	1
BO_Quispe_2002	2.2	1
PY_Fadul_2003	1.6	1
PE_Humala_2006	3.5	1

Fonte: Transparência Internacional (2019)

2.3.2. Insatisfação com a Democracia - DEMOCR

O segundo aspecto a ser investigado se dará sobre a confiança popular sobre a democracia e, conseqüentemente, suas instituições. A relevância deste fator se justifica por sua importância na construção dos argumentos encontrados na literatura, bem como sua correlação com os demais pontos que tangenciam a saúde do regime político. A exemplo, Miller (2011) identifica que, tanto *outsiders* quanto candidatos de cunho populista, obtêm maior sucesso em contextos de má percepção popular sobre o funcionamento do regime

democrático. Carreras (2015), nesta perspectiva, argumenta que, ao longo da história, candidatos *outsiders* se mostraram mais suscetíveis em países de democracias perceptivelmente enfraquecidas ou ainda não consolidadas. Assim, a segunda hipótese utilizada será:

Hipótese 2: candidatos outsiders tendem a serem eleitos quando a percepção da população sobre a democracia é negativa.

A fonte utilizada para promover a quantificação deste ponto será a pesquisa anual realizada pela organização *Latinobarómetro*. Esta promove levantamentos periódicos de opinião pública na América Latina desde 1995. Entre as questões levantadas, está o nível de satisfação popular frente o regime democrático no geral, o qual perpassa quatro níveis: muito satisfeito, relativamente satisfeito, não muito satisfeito e nada satisfeito, excluindo os que não souberam ou não responderam. Será respeitada a classificação oferecida pelo próprio *Latinobarómetro*.

Deste modo, neste trabalho, serão atribuídos 1 para casos onde o nível de satisfação com a democracia classificado em “nada satisfeito” superar 23% dos entrevistados, excluindo os que não souberam ou não responderam, no ano da eleição. No caso contrário, será conferido o valor 0.

Tabela 4: Insatisfação com a Democracia

CASO	Insatisfação	CORRUP
VE_Chávez_1998	24,83%	1
PE_Toledo_2001	29,03%	1
EC_Gutiérrez_2002	24,89%	1
SV_Saca_2004	12,38%	0
PY_Lugo_2008	32,93%	1
SV_Funes_2009	10,49%	0
PE_Humala_2011	13,58%	0
PY_Cartes_2013	20,60%	0
GT_Morales_2015	21,70%	0
EC_Ehlers_1996	16,26%	0
BO_Kuljis_1997	17,11%	0

EC_Ehlers_1998	17,64%	0
BO_Quispe_2002	26,49%	1
PY_Fadul_2003	50,02%	1
PE_Humala_2006	17,87%	0

Fonte: *Latinobarómetro (2019a)*

2.3.3. Desigualdade de Renda - DESIG

A relação entre uma alta desigualdade de renda e uma maior propensão à eleição de presidentes *outsiders* será a terceira relação causal investigada. Mitra e Karakas (2017), ao construir seu modelo de simulação do comportamento eleitoral, encontram que uma crescente desigualdade de renda inclinava as intenções de voto para candidatos *outsiders*. Em sentido semelhante, Miller (2011) argumenta que países em contexto de maior desigualdade de renda tendem a ser campos férteis para o sucesso eleitoral de presidenciáveis sem experiência. Logo, optou-se por propor, por fim, a seguinte hipótese:

Hipótese 3: candidatos outsiders tendem a serem eleitores em contexto de alta desigualdade de renda.

A análise quantitativa da desigualdade de renda de um país pode ser obtida por meio dos Coeficiente de GINI, utilizado para medi-la através da comparação da renda relativa populacional. Para os casos, foi utilizada a base de dados *World Income Inequality Database* (2018), organizada pelo Instituto de Pesquisas de Economia do Desenvolvimento da Universidade das Nações Unidas (UNU-WIDER). Esta reúne levantamentos de diversas fontes, como o Banco Mundial (BM) e a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), bem como de organismos do próprio país. Sua escolha se justifica pela falta de constância nos levantamentos, sendo necessária recorrer a diferentes fontes. Ainda assim, a fim de mitigar quaisquer diferenças ocorridas por conta da distinção de fontes, foram coletados os dados do Coeficiente de GINI medidos a partir do rendimento disponível do agregado familiar da área rural e urbana. Os dados utilizados foram da Base de Dados Socioeconômica para a América Latina e Caribe (SEDLAC), levantados pela Universidade Nacional de La Plata, sendo apenas o de 2002 do Equador advindo da CEPAL. Por fim, os índices dos casos da Guatemala em 2015 e Equador em 1996 não foram obtidos, de forma

que, respeitando as particularidades delimitadas, serão utilizados os índices de 2014, para a Guatemala, e 1995, para o Equador, sendo esses os anos mais próximos aos períodos eleitorais em questão. Uma vez que a desigualdade é uma realidade pouco volátil, entende-se que a utilização desses valores não compromete a investigação deste trabalho.

O índice de GINI varia de 0 a 100, sendo 100 o maior nível de desigualdade de renda. Tendo isso em vista, os casos abordados neste trabalho serão distinguidos com o valor 1, para aqueles que obtiveram o coeficiente de GINI do ano eleitoral maior ou igual a 53. Do contrário, será atribuído o valor 0.

Tabela 5: Desigualdade de renda

CASO	GINI	DESIG
VE_Chávez_1998	47	0
PE_Toledo_2001	51.3	0
EC_Gutiérrez_2002	51.3	0
SV_Saca_2004	47.6	0
PY_Lugo_2008	51	0
SV_Funes_2009	45.8	0
PE_Humala_2011	44.7	0
PY_Cartes_2013	48.1	0
GT_Morales_2015	48.3	0
EC_Ehlers_1996	56.7	1
BO_Kuljis_1997	58	1
EC_Ehlers_1998	57.3	1
BO_Quispe_2002	59.3	1
PY_Fadul_2003	55.5	1
PE_Humala_2006	50.3	0

Fonte: World Income Inequality Database (2018)

2.3.4. Percepção sobre a Economia - ECONO

O contexto de crise econômica enquanto catalisador da eleição de *outsiders* é defendido solidamente dentro da bibliografia revisada. Pode-se citar, por exemplo, Corrales (2008) e Rodríguez (2016), que trazem como argumento central de seus trabalhos o de que um quadro de fragilidade econômica facilita a eleição desses atores. Outros autores perpassam os

aspectos econômicos em suas argumentações, como Carreras (2015) que encontra que o crescimento econômico não repele a emergência de outsiders, especialmente se vier acompanhado de inflação e aumento da pobreza. Assim, a investigação da percepção da população em relação à saúde econômica dos países se mostra relevante para este trabalho. Para tal, foi elaborada a seguinte hipótese:

Hipótese 4: candidatos outsiders tendem a serem eleitos em contexto de percepção negativa da economia por parte da população.

Para isso, será utilizado levantamento disponibilizado pelo *Latinobarómetro* sobre a visão popular sobre a situação da economia do país no ano eleitoral. Os entrevistados tinham a opção de classificar a atual fase econômica de seu país entre: muito ruim, ruim, regular, boa e muito boa. A tabela a seguir elenca o percentual de pessoas que classificaram como “muito ruim”, descontando as que não souberam ou não responderam. Foi atribuído o valor 1 para aqueles que obtiveram porcentagem maior ou igual a 13%. Nos casos contrários, se atribuiu o valor 0.

Tabela 6: Percepção sobre a Economia

CASO	Percepção	ECONO
VE_Chávez_1998	19,81%	1
PE_Toledo_2001	21,11%	1
EC_Gutiérrez_2002	15,44%	1
SV_Saca_2004	10,5%	0
PY_Lugo_2008	13,9%	1
SV_Funes_2009	10,17%	0
PE_Humala_2011	4,95%	0
PY_Cartes_2013	7,8%	0
GT_Morales_2015	14,10%	1
EC_Ehlers_1996	11,41%	0
BO_Kuljis_1997	10%	0
EC_Ehlers_1998	15,87%	1
BO_Quispe_2002	15,92%	1
PY_Fadul_2003	37,01%	1

PE_Humala_2006	7,25%	0
----------------	-------	---

Fonte: *Latinobarómetro (2019b)*

2.3.5. Crise dos Partidos - CRISEPAR

Por fim, a última condição causal a ser analisada será o enfraquecimento dos partidos políticos. Mayorga (2006) e Carreras (2015) afirmam que em momentos onde a representatividade política partidária está em xeque, levada a cabo pela incapacidade dos partidos de responderem às demandas sociais, seriam propícios à ascensão desses novos atores. Nessa mesma ideia, Villagra (2012) traz em sua análise que o desgaste dos partidos políticos teria impulsionado tanto a eleição de Fujimori no Peru, quanto Fernando Lugo no Paraguai, ambos *outsiders*. Já Corrales (2008), apesar de não falar em crise partidária, atribui à volatilidade política, o caráter de facilitador da eleição desses candidatos. A partir disso, será utilizada a seguinte hipótese:

Hipótese 5: candidatos outsiders tendem a serem eleitos quando os partidos políticos estão enfraquecidos.

A fonte utilizada para fazer tal medição será o *Latinobarómetro*. Por meio de seus levantamentos, é possível ter acesso ao nível de confiança da população nos partidos políticos. As respostas se dividem entre muita, alguma, pouca e nenhuma confiança, além dos que não querem ou não sabem responder. Assim, a dicotomização dessa variável se dará entre aqueles que responderam “nenhuma”. Quando este número for maior que 40%, será atribuído o valor 1, quando menor, o valor 0.

Tabela 7: Desconfiança nos Partidos

CASO	Desconfiança	CRISEPAR
VE_Chávez_1998	57,08%	1
PE_Toledo_2001	31,25%	0
EC_Gutiérrez_2002	64,18%	1
SV_Saca_2004	37%	0
PY_Lugo_2008	39,86%	0
SV_Funes_2009	17,91%	0

PE_Humala_2011	38,54%	0
PY_Cartes_2013	31,49%	0
GT_Morales_2015	45,64%	1
EC_Ehlers_1996	42,32%	1
BO_Kuljis_1997	42,80%	1
EC_Ehlers_1998	54,48%	1
BO_Quispe_2002	71,54%	1
PY_Fadul_2003	70,23%	1
PE_Humala_2006	41,30%	1

Fonte: Latinobarómetro (2019c)

Visto isso, a seguir será apresentada a tabela-verdade, com as configurações feitas a partir dos valores levantados acima, e, em seguida, a análise dos resultados obtidos.

Capítulo 3 – Resultados

3.1. Tabela-verdade

Após o levantamento e dicotomização dos dados, é feita uma tabela resumizando as configurações possíveis das variáveis, isto é, os cenários observados. Para isso, foi utilizado o software específico para análises de QCA, fsQCA (RAGIN; DAVEY, 2016). Tendo em vista a utilização de cinco condições causais, o software apresenta 32⁹ possibilidades diferentes de combinações dessas variáveis, mesmo que não possuam casos correspondentes a elas (os chamados “remanescentes lógicos”) (RIHOUX; MEUX, 2009). Dessa forma, foram retiradas as dez configurações representadas na tabela abaixo, uma vez que são aquelas que possuem casos correspondentes.

A última coluna, indicada como “consistência”, faz referência à compatibilidade dos casos daquela configuração frente ao resultado em tela, nesse caso, a serem ou não eleitos. Assim, varia de 0 a 1, sendo 0 uma configuração totalmente contrária ao resultado, ou seja, de não eleitos. Já o 1 indica aqueles totalmente correspondentes ao resultado, sendo aqui os eleitos. As variações indicam contradições dentro do cenário. Por exemplo, se uma mesma configuração possuir dois casos negativos e um caso positivo, a consistência indicaria 0,33. Tendo isso em vista, a tabela não apresentou configurações contraditórias, problemática comum nesse tipo de método, que exigiria uma análise mais concentrada dos casos em contradição.

Tabela 8: Tabela-verdade

CRISEPAR	ECONO	DESIG	DEMOCR	CORRUP	CASOS	CONSISTÊNCIA
0	0	0	0	1	SV_FUNES_2009 PE_HUMALA_2011 PY_CARTES_2013	1
1	1	0	1	1	VE_CHAVEZ_1998 EC_GUTIÉRREZ_2002	1
1	0	1	0	1	EC_EHLERS_1996 BO_KULJIS_1997	0
1	1	1	1	1	BO_QUISPE_2002 PY_FADUL_2003	0
1	1	0	0	1	GT_MORALES_2016	1
0	0	0	0	0	SV_SACA_2004	1
1	0	0	0	1	PE_HUMALA_2006	1

⁹ Por meio da regra de probabilidade onde as possibilidades totais são 2^n , sendo “n” o número de condições.

0	1	0	1	0	PE_TOLEDO_2001	1
1	1	1	0	1	EC_EHLERS_1998	0
0	1	0	1	1	PY_LUGO_2008	1

Fonte: Elaboração própria por meio do software fsQCA (RAGIN; DAVEY, 2016).

Assim, a primeira configuração apresenta três casos de sucesso eleitoral, com Funes em El Salvador em 2009, Humala no Peru em 2011 e Cartes no Paraguai em 2013. Os três apresentaram apenas um contexto de alta corrupção, estando todas as outras variáveis não presentes. Por outro lado, o segundo cenário traz Chávez na Venezuela em 1998 e Gutiérrez no Equador em 2002. Estes tiveram conjunturas onde todas as variáveis estavam presentes, com exceção da desigualdade de renda. Já no terceiro, vemos Ehlers no Equador em 1996 e Kuljis na Bolívia em 1997, que não saíram vitoriosos de suas campanhas, com cenários sem percepções ruins da democracia e economia, e demais condições causais presentes. Na quarta situação, Quispe na Bolívia em 2002 e Fadul no Paraguai em 2003 aparecem juntos, com todas as condições causais presentes, mas sem a vitória eleitoral. Os casos restantes aparecem em configurações próprias.

No primeiro cenário, apesar de serem casos bastante diferentes entre si, todos foram marcados pela fragilidade política do governo anterior. Humala¹⁰ era um ex-militar em sua segunda tentativa para a presidência, com um discurso de centro-esquerda, concorrendo por um partido recém-criado por ele mesmo (CARRERAS, 2015). O país passava por uma boa fase, com crescimento acelerado, levado à cabo muito pela alta demanda internacional por *commodities* (FAWKS, 2011). Mas, mesmo assim a popularidade do então presidente Alan García terminou seu mandato em baixa, minada pelas diversas denúncias de corrupção, dando chances para a vitória de Humala (FAWKS, 2011).

Em El Salvador, Funes, apesar de também ter um discurso de esquerda, concorria pela primeira vez e por um partido tradicional. O país, antes da eleição de Funes, era governado por Antonio Saca, do PCN, que teve um governo marcado por escândalos de corrupção, chegando a ser citado, inclusive, nos famosos vazamentos do *Wikileaks* (ZABLAH; ARAUZ, 2016). Na ocasião das eleições de 2009, apenas os dois maiores partidos salvadorenos estavam na disputa, o FMLN, de Mauricio Funes, e o Aliança Republicana Nacionalista (ARENA), com o político de carreira Rodrigo Ávila (CARRERAS, 2015). O PCN e o Partido Democrata Cristão se retiraram da corrida meses antes do dia das eleições, por críticas ao

¹⁰ Um ponto interessante é que Humala foi o único candidato, dentre cinco aqui listados, que chegou ao segundo turno e não ganhou, em sua primeira tentativa em 2006, perdendo para um ex-presidente, Alan García (CARRERAS, 2015).

Tribunal Superior Eleitoral do país (CARRERAS, 2015). Desse modo, saiu vitorioso Funes, com diferença de menos de 2% dos votos (POLITICAL DATABASE OF THE AMERICAS, 2009).

Já Cartes concorreu pelo principal grupo partidário paraguaio, o Partido Colorado, que havia tido sua hegemonia de mais de 60 anos interrompida pela eleição de Fernando Lugo em 2008. Entretanto, a turbulenta administração do ex-bispo, marcada por seu *impeachment*, que teve como estopim a ocasião da morte de 11 camponeses por parte das forças estatais, estremeceu a estabilidade política do país (WALLENFELDT, 2013). Assim, a fragilidade deixada pelo fato deu forças para a vitória de Horacio Cartes e para a volta do Partido Colorado à presidência (WALLENFELDT, 2013).

Na segunda configuração, ao contrário da anterior, os casos são quase idênticos. Tanto Chávez quanto Gutiérrez foram militares que participaram de tentativas fracassadas de derrubada de seus presidentes (CARRERAS, 2015). Após as devidas sanções, ambos se tornaram populares com discursos associados à esquerda e acabaram por fundar novos partidos. Por tais partidos, venceram suas estreias eleitorais, Chávez em 1998 e Gutiérrez em 2002 (CARRERAS, 2015). Entretanto, diferente de Chávez, Gutiérrez teve uma administração inacabada, renunciando em 2005, por pressão popular (CARRERAS, 2015).

Quanto à conjuntura, novamente são casos extremamente parecidos. O presidente Jamil Mahuad, antecessor de Gutiérrez, fora destituído do cargo nos anos 2000 por força da insatisfação popular e do movimento levado a cabo pelo CONAIE e por oficiais do exército (do qual fazia parte Gutiérrez) (CARRERAS, 2015). A principal questão que substanciou sua derrubada foi a fragilidade econômica do país, marcada por uma forte crise financeira e pela “dolarização” da economia promovida por Mahuad (CARRERAS, 2015). Desse modo, assumiu o vice-presidente Gustavo Noboa, que, apesar de terminar seu mandato, não necessariamente promoveu a estabilização político-social ansiada. Já na Venezuela, a crise financeira, iniciada em 1994 também era uma das grandes questões que preocupava o então presidente Rafael Caldera (LANDER; MAYA, 1999). Entretanto, essa foi amenizada pela política de petróleo do país, mas voltou a ganhar força em 1998, com a queda do preço da *commoditie* internacionalmente (LANDER; MAYA, 1999). Nesse sentido, apesar de ter conseguido terminar seu mandato, a administração do presidente Caldera enfrentou forte resistência popular e no Congresso, que se mostrou um grande obstáculo para a governabilidade do presidente (LANDER; MAYA, 1999).

Na terceira configuração, os candidatos são bastante diferentes, mas apresentam contextos bem parecidos. Ehlers, apresentador de TV, candidato de esquerda, ligado ao

movimento indígena, concorreu em duas ocasiões, em 1996 e 1998 (CARRERAS, 2015). A segunda tentativa se deu pelo impedimento do presidente eleito Bucaram por alegada incapacidade mental (CARRERAS, 2015). O candidato concorreu por um partido recém-criado, em ambas as ocasiões. Nesse sentido, o Equador vinha com uma crescente crise econômica, marcada pela incapacidade do então presidente Sixto Durán Ballén em promover as reformas econômicas necessárias (PAZ; CEPEDA, 2006). Tal incapacidade se deu muito pela impopularidade do presidente, que teve como uma de suas marcas de governo a Guerra de Cenepa, contra o Peru, e os diversos casos de corrupção (PAZ; CEPEDA, 2006). De família e atuação tradicional na política equatoriana, venceu Abdalá Bucaram, em 1996. Entretanto, a situação política do país se agravaria ainda mais no ano seguinte, com a destituição de Bucaram após um governo considerado corrupto e desastroso (PAZ; CEPEDA, 2006).

Por outro lado, na Bolívia, Kuljis, empresário, era um candidato pró-mercado, concorrente por um dos maiores e mais tradicionais partidos do país, o UCS (CARRERAS, 2015). O país, na época, vinha de um cenário de reformas estruturais, promovidas pelo presidente Sanchez de Lozada, que buscou combater o cenário econômico negativo do país advindo dos anos anteriores (ZÁRATE, 2007). A população, entretanto, não recebeu tão bem tais reformas de início, predominando uma visão de que Lozada priorizava uma atuação para beneficiar grandes empresas e uma pequena parcela da sociedade, em vez de combater as mazelas sociais, como a desigualdade (ZÁRATE, 2007). Desse modo, o candidato do governo, Juan Carlos Durán Saucedo, assim como Kuljis, perdeu força, dando espaço ao ex-presidente Hugo Banzer, que teve sua campanha baseada em promessas para o bem-estar social (ZÁRATE, 2007).

A quarta configuração, de Pedro Fadul no Paraguai e Felipe Quispe na Bolívia, em 2003 e 2002 respectivamente, chama atenção por ter todas as condições causais presentes, mas, mesmo assim, nenhum dos dois candidatos eleitos. O Paraguai, na ocasião da candidatura de Fadul, se encontrava governado por Luis Ángel González Macchi, em uma administração vista como “incompetente” (MORINIGO, 2002). Para se ter ideia, Morinigo (2002) aponta que o país se encontrava em uma crise “sem precedentes”, repleta de desconfiança da população no governo, problemas de governabilidade e fracasso absoluto da administração pública em responder às questões sociais, além de uma ineficiente política econômica. Apesar disso, foi eleito Nicanor Duarte, do tradicional Partido Colorado, em vez de Fadul, com seu recém-criado PPQ (CARRERAS, 2015). É interessante salientar que Duarte, mesmo concorrendo pelo já conhecido Partido Colorado, representava uma ala

modernizadora, que buscou se desassociar de antigas mazelas do partido e conversar com diversos setores da sociedade que antes não eram atendidos por ele, o que pode ter ajudado na projeção eleitoral do candidato (MORINIGO, 2002).

Já na Bolívia, o período de 1997 a 2001 foi marcado pelo governo de Hugo Banzer, ex-ditador do país (ZÁRATE, 2007). A péssima situação do país inflamou a população que, em 2000, foi às ruas contra as medidas do presidente. Banzer, então, decretou estado de sítio por 90 dias, o que, claro, desgastou ainda mais a relação entre população, governo e a administração pública no geral, piorando a situação do país (ZÁRATE, 2007). No ano seguinte, Banzer renunciou por motivos de saúde, deixando seu vice Jorge Quiroga Ramírez na presidência, que governou pelo ano restante (ZÁRATE, 2007). Mas, mesmo com o agravamento da situação, a população preferiu reeleger o ex-presidente Sánchez de Lozada, que, curiosamente terminou seu primeiro mandato sob baixa aprovação, em detrimento do *outsider* Felipe Quispe (ZÁRATE, 2007).

Um outro caso que merece atenção, apesar de estar sozinho em sua configuração, é o de Antonio Saca, de El Salvador. Mesmo com a ausência de todas as condições causais, o candidato *outsider* foi eleito. Mas, essa não é a única particularidade do caso. Saca é um dos quatro concorrentes sem experiência aqui listados que foram candidatos por um partido tradicional, em seu caso um dos maiores do país, o PCN. Soma-se a isso o fato do presidente ser o único da lista que foi apoiado por seu antecessor, Francisco Flores, que fora igualmente apoiado por seu antecessor, Armando Calderón Sol, todos do mesmo partido (ZABLAH; ARAUZ, 2016). Ou seja, Saca era um *outsider*, mas candidato da situação, enquanto todos os outros aqui tratados são candidatos, em maior ou menor medida, opositores. Nesse sentido, isso pode ser um dos motivos de mesmo o país tendo bons indicadores, Saca ter conseguido se eleger sem experiência prévia.

Visto isso, o próximo passo do QCA pressupõe a realização de minimizações booleanas. Esse processo utiliza dos princípios da matemática booleana para produzir fórmulas que tornem possível jogar luz, principalmente, às condições causais (e suas configurações) que possam ser necessárias ou suficientes. Porém, no trabalho aqui presente, percebe-se a existência de uma configuração de condições causais totalmente presentes, onde a vitória do candidato não ocorreu, logo, onde o resultado foi negativo. Além do caso de Antonio Saca, em El Salvador, onde todas as condições causais estão ausentes e, mesmo assim, o fenômeno ocorreu. Dessa forma, é possível projetar que a minimização não seria capaz de destacar condições suficientes, tampouco necessárias, impossibilitadas pelos casos citados.

Apesar disso, é preciso apontar que a questão que guiou este trabalho foi a busca por condições que determinassem a vitória eleitoral de um candidato sem experiência política prévia. O resultado, como dito, foi inconclusivo quanto à necessidade ou suficiência de qualquer uma das cinco condições causais. Assim, isso quer dizer que elas foram insuficientes para determinar a chegada desses candidatos à presidência, mas não que não possam contribuir para tal. Essa diferença se dá ao passo que todos os casos escolhidos foram candidatos com números expressivos de votos, ou seja, que se tornaram relevantes eleitoralmente. Para se ter ideia, o caso com menor número de votos foi o de Felipe Quispe, nas eleições bolivianas de 2002, com 6,09%. Já o segundo pior colocado foi Ehlers, nas eleições do Equador em 1998, com 14,75% (POLITICAL DATABASE OF THE AMERICAS, 2009). Ou seja, todos os candidatos investigados tiveram um bom desempenho eleitoral, tendo em vista sua falta de experiência.

Assim, essas condições podem, sim, ser fatores que os impulsionam e criam ambientes favoráveis, mas não necessariamente o suficiente por si só ou em configurações entre si para elegê-los. Dessa forma, uma investigação nesse sentido poderia se dar entre a comparação de casos de relevância, como os aqui listados, e casos que não se tornaram relevantes¹¹. Logo, seria possível destacar cenários onde o candidato *outsider* não atingiu relevância e contrastá-los com aqueles onde essa relevância foi atingida, de maneira a confirmar as condições facilitadoras da ascensão deste tipo de político.

De maneira semelhante, alguns outros pontos observados ao longo da construção deste trabalho são relevantes, sendo interessante melhor explorá-los. Porém, tendo em vista a extensão e proposta deste estudo, não caberia aqui desenvolvê-los de forma satisfatória. Deste modo, serão discorridos a seguir algumas dessas questões que podem contribuir para a construção futura de conhecimento sobre este o tema.

3.2. Outras considerações

Cabe colocar em pauta as limitações que influenciaram, de uma forma ou de outra, o resultado deste trabalho. Primeiro, a escolha das fontes que alimentaram as condições causais, de forma a permitir a dicotomização, incorreram em índices muito próximos uns dos outros. Em outras palavras, por exemplo, na condição sobre confiança nos partidos (CRISEPAR), o

¹¹ Nas eleições brasileiras, por exemplo, podem ser citados casos de *outsiders* em quase todas os pleitos para presidente desde a redemocratização. Pegando a partir de 1998, temos Enéas, concorrente e fundador do PRONA, José Maria de Almeida, fundador e candidato pelo PSTU, Ana Maria Rangel, concorrente pelo PRB em 2006, Levy Fidelix do PRTB, candidato em 2010, entre outros concorrentes.

limiar foi posto em 40%, de forma que existiam casos ainda muito próximos, como de Saca (37%), Kuljis (42, 8%) e Ehlers (42,32%). Entretanto, nenhum outro valor se apresentaria melhor como limiar para tal situação, uma vez que os casos apresentavam valores muito próximos entre si. A mesma questão incorre pela maioria das condições. A problemática se agrava, ainda, quando três das cinco condições causais tem como fonte o *Latinobarómetro* que trabalha com levantamento de opinião pública, ou seja, pressupõem margem de erro em seus resultados. Dessa forma, o ideal seria recorrer a fontes alternativas, que pudessem oferecer uma dicotomização mais sólida entre os casos.

Mas, essa questão ainda se inclina para outro ponto. Os valores apresentados pelos casos dentro de cada condição causal se mostraram bastante próximos e altos, mesmo se comparados os casos de sucesso e insucesso, onde se esperava contextos opostos. Nesse sentido, é visto que os países latino-americanos selecionados possuíam contextos muito parecidos, o que, de certa forma, se projeta para a América Latina como um todo. Desse modo, o mais interessante, talvez, fosse promover um estudo comparado entre países Latino Americanos e países de outras regiões, de forma a se buscar um maior contraste conjuntural. Nesse estudo, seria possível, também, colocar a prova fatores estruturais relativos ao sistema político e eleitoral, como aponta Carreras (2015). Por exemplo, se é mais fácil ascender enquanto *outsider* em um sistema parlamentarista ou presidencialista, com ou segundo turno, com ou sem voto obrigatório, e outros pontos. No caso da comparação dentro da América Latina, mais uma vez, isso pode se perder, tendo em vista a similaridade dos sistemas eleitorais e políticos da região.

Além disso, a questão de os índices serem tão próximos também pode ser contornada pelo destaque de outras variáveis mais específicas, ou seja, elaborando novas hipóteses, que permitam uma distinção mais forte. Por exemplo, aquelas que dizem respeito às habilidades interpessoais do candidato. Desse modo, condições causais que tangenciem tais habilidades, como carisma, proximidade com as mídias em geral, capacidade de articular alianças e outras variáveis, podem ser valiosas. Isso se reforça pelo que é apontado por Rodríguez (2016), que enxerga uma transformação no marketing político, o qual, a partir das novas formas de comunicação, tem se tornado cada vez mais focado no indivíduo. Isso seria ainda mais forte em candidatos sem experiência, uma vez que esses não contam com um forte *background* político para se impulsionar.

Outras variáveis que podem ser importantes são aquelas referentes às circunstâncias da campanha, à coligação partidária, bem como ao próprio partido pelo qual ele concorreu. A importância da questão partidária pode ser vista, por exemplo, ao passo que apenas quatro dos

quinze casos levantados concorreram por partidos tradicionais, sendo eles: Saca em El Salvador (2004), Funes em El Salvador (2009), Cartes no Paraguai (2013) e Kuljis na Bolívia (1997). Desses, apenas um não foi eleito, Kuljis na Bolívia, em 1997, que perdeu a eleição para um ex-presidente, Hugo Banzer. Em relação à presença de ex-presidentes no pleito, pode ser visto que, nos nove casos onde o *outsider* foi eleito, apenas dois tiveram ex-presidentes no pleito: Equador em 2002, com Rodrigo Borja Cevallos e Osvaldo Hurtado, e o Peru em 2011, com Alejandro Toledo. Já dentre os seis casos de insucesso, quatro apresentaram ex-presidentes: Bolívia em 1997 com Hugo Banzer, Equador em 1998 com Rodrigo Borja Cevallos, Bolívia em 2002 com Sánchez de Lozada e o Peru em 2006 com Alan Garcia. Desses quatro, apenas Cevallo não saiu vencedor (POLITICAL DATABASE OF THE AMERICAS, 2009).

Por fim, de volta às fontes, o Índice Percepção da Corrupção da Transparência Internacional, utilizada na condição causal acerca da corrupção (CORRUP) talvez não seja a medida mais adequada para capturar, de fato, o nível de corrupção em um estado da forma como é proposta na literatura. Isto porque esse mede a corrupção percebida entre funcionários do setor público no geral, utilizando como fonte a avaliação de especialistas e analistas do país em questão. Assim, apesar de capturar de fato os níveis gerais da prática de corrupção, o índice diverge da literatura uma vez que a corrupção a que se refere é aquela que pode ser percebida pelo eleitorado. Em outras palavras, o índice possui uma visão e abrangência mais geral, enquanto a literatura se refere à escândalos e situações de corrupção mais acentuadas, no sentido de estarem ligadas à partidos, presidente, deputados, ministros e outros políticos. Assim, a forma mais interessante para tal condição seria aquela que cooptasse, por exemplo, o número de escândalos de corrupção noticiados anualmente pelos principais jornais de cada país.

Conclusão

Este trabalho teve como objetivo principal investigar as causas que levam um candidato *outsider*, isto é, sem relevante experiência política prévia, a serem eleitos na América Latina. Assim, foram colocadas em prova cinco hipóteses retiradas da revisão de literatura sobre o tema. Essas foram construídas em volta de cinco condições causais: a existência de uma crise nos partidos tradicionais, alta percepção popular de corrupção, percepção popular negativa acerca da economia, uma alta desigualdade de renda e uma crise na democracia. Se buscou, por meio da comparação de casos de sucesso (eleito) e insucesso (não eleito), utilizando a metodologia comparada *crisp-set* QCA, verificar em que medida essas condições de fato influenciavam na eleição desses *outsiders*.

Foi encontrado, porém, que nenhuma dessas condições, assim como suas configurações, se provaram conclusivas para o fenômeno. Dessa forma, nenhuma das hipóteses pôde ser provada. Apesar disso, se percebe que o falseamento das hipóteses não aponta para uma falta de influência das condições causais sobre a eleição desse tipo de candidato. Nesse sentido, tais condições podem contribuir para a criação de um ambiente favorável aos *outsiders*, de forma a torna-los relevantes eleitoralmente, mas não seriam totalmente suficientes para fazê-los ganharem a corrida eleitoral. Nesse sentido, foram feitos alguns apontamentos julgados pertinentes para a construção de conhecimento sobre a temática.

Assim, além das discussões levantadas sobre as fontes utilizadas, se viu importante abarcar a proximidade dos valores que alimentaram os casos em cada condição causal. Esses se mostraram muito próximos, botando em cheque a total validade do limiar de dicotomização, e destacando a similaridade dos casos. Logo, se destacou a importância de promover, futuramente, trabalhos que contrastem casos de relevância (como os casos deste trabalho) e casos de não relevância (onde o candidato não atingiu níveis satisfatórios de votos). Além de estudos comparados entre América Latina e outra região que ofereça maior diferenciação. Por fim, também se reconhece a necessidade de investigar outras variáveis, mais específicas sobre o período em questão, o processo eleitoral e sobre o candidato em si.

REFERÊNCIAS

- BARR, R. Populists, outsiders and anti-establishment politics. **Party Politics**. SAGE Publishing, 2009, v.15. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1354068808097890>> Acesso 15 de abr 2019.
- CARRERAS, M. Outsiders presidents, institutional performance, and governability in Latin America. University of Pittsburgh, Filadélfia, 2015. Disponível em: <http://d-scholarship.pitt.edu/23768/1/ETD_Template_Carreras_dec8.pdf> Acesso em: 2 mar. 2019.
- CENTELLAS, M. Democracy on stilts: bolivia's democracy from stability to crisis. Western Michigan University, Michigan, 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/33526136/Democracy_on_stilts_Bolivias_democracy_from_stability_to_crisis?auto=download> Acesso em: 29 mar. 2019.
- COLLINS, J. Linking movements and electoral politics: ecuador's indigenous movement and the rise of pachakutik. IN: BURT, J & MAUCERI, P. **Politics in the Andes: identity, conflict, reform**. University of Pittsburgh, 2004. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=SFnXySU-oF0C&pg=PA41&lpg=PA41&dq=CONAIE+freddy+ehlers&source=bl&ots=FNrd8-NkdU&sig=ACfU3U3ejBsYvZN-sbG8MYZv5DxWsRWNsg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjQ8OOi0bziAhUUErkGHUGAA5UQ6AEwCnoECAcQAQ#v=onepage&q=freddy%20ehlers&f=false>> Acesso em: 29 mar. 2019.
- CORRALES, J. Latin America's Neocaudillismo: Ex-Presidents and Newcomers Running for President... and Winning. **Latin American Politics and Society**. University of Miami, Flórida, 2008. Disponível em: <<https://www.amherst.edu/media/view/47850/original/Latin+America%27s+Neocaudillismo+2008.pdf>> Acesso em: 22 abr. 2019.
- ELIAS, J. Jimmy Morales, el candidato sorpresa. **El País**. Cidade da Guatemala. 22 de outubro de 2015. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2015/09/07/actualidad/1441605730_868386.html> Acesso em: 29 mar. 2019.
- FAWKS, J. Sobresaltos políticos en el Perú del “milagro” económico: un análisis de los resultados electorales. **Nueva Sociedad**, nº 233. 2011. Disponível em: .

<https://nuso.org/media/articles/downloads/3770_1.pdf> Acesso em: 29 mar. 2019.

RAGIN, C. C.; DAVEY, S. **fsQCA 3.0 (WINDOWS/MAC program for crisp and fuzzy sets)**. California: Department of Sociology, University of California, 2018.

LANDER, L; MAYA, M. Venezuela. La Victoria de Chávez. El polo Patriótico en las elecciones de 1998. **Nueva Sociedad**, n° 160. Caracas, 1999. Disponível em:

<https://nuso.org/media/articles/downloads/2749_1.pdf> Acesso em: 3 mar. 2019.

LINZ, J. J. Presidential or Parliamentary Democracy: Does it Make a Difference? In: LINZ, J. J.; VALENZUELA, A. (eds.), **The Failure of Presidential Democracy**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1994.

MAYORGA, A. Outsiders políticos y el neopopulismo: el camino a la democracia plebiscitaria. In: BEJARANO, A; LEÓNGOMEZ, E; MAINWARING, S. **La crisis de la representación democrática en los países andinos**. Buenos Aires. Grupo Norma, 2006.

Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=3ZjJxN5Y0FMC&oi=fnd&pg=PA209&dq=elecciones+outsider&ots=7hEi3Jt4XT&sig=ymGaPsPiiPmrpTvxxjc9YMF3UYY#v=onepage&q=elecciones%20outsider&f=false)

[BR&lr=&id=3ZjJxN5Y0FMC&oi=fnd&pg=PA209&dq=elecciones+outsider&ots=7hEi3Jt4XT&sig=ymGaPsPiiPmrpTvxxjc9YMF3UYY#v=onepage&q=elecciones%20outsider&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=3ZjJxN5Y0FMC&oi=fnd&pg=PA209&dq=elecciones+outsider&ots=7hEi3Jt4XT&sig=ymGaPsPiiPmrpTvxxjc9YMF3UYY#v=onepage&q=elecciones%20outsider&f=false)> Acesso em: 2 mar. 2019.

MORALES, H. Jimmy Morales, el comediante que quiere ser un presidente serio. **Prensa Libre**. Guatemala. 4 de setembro de 2015. Disponível em:

<<https://www.prensalibre.com/guatemala/decision-libre-2015/jimmy-morales-el-comediante-que-quiere-ser-un-presidente-serio/>> Acesso em: 29 mar. 2019.

MORINIGO, J. La transición circular. IN: MORINIGO, J. (ed.). **Paraguay 1989 – 2002: la transición que nunca acaba**. Novapolis: Revista de Estudios Políticos Contemporáneos. 1ª edição. 2002. Disponível em: < <http://novapolis.pygglobal.com/pdf/novapolis1.pdf#page=20>> Acesso em: 19 mar. 2019.

NOHLEN, D. Elections and electoral systems in the Americas. IN: NOHLEN, D. **Elections in Americas: A data handbook, volume II South America**. Oxford University Press, 2005. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=j_MTDAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR7&dq=Elections+in+the+Americas:+A+data+handbook,+Volume+I&ots=Q8rPRPbwsq&sig=wKl0iWZ_tbvSFGTVRIxRR8pS3Q#v=onepage&q&f=false)

[BR&lr=&id=j_MTDAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR7&dq=Elections+in+the+Americas:+A+data+handbook,+Volume+I&ots=Q8rPRPbwsq&sig=wKl0iWZ_tbvSFGTVRIxRR8pS3Q#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=j_MTDAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR7&dq=Elections+in+the+Americas:+A+data+handbook,+Volume+I&ots=Q8rPRPbwsq&sig=wKl0iWZ_tbvSFGTVRIxRR8pS3Q#v=onepage&q&f=false)> Acesso em: 19 mar. 2019.

PATRIA QUERIDA. **¿Quién es Pedro Fadul?** Partido Pátria Querida. 2018. Disponível em: <<http://patriaquerida.org/fadul.html>> Acesso em: 22 mar. 2019.

PAZ, J; CEPEDA, M. Ecuador: una democracia instable. Pontifícia Universidade Católica do Equador. Quito: 2006. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2380207>> Acesso em: 19 mar. 2019.

POLITICAL DATABASE OF THE AMERICAS. **Electoral results.** Centro de Estudos Latinoamericanos da Universidade de Georgetown. 2009. Disponível em: <<http://pdba.georgetown.edu/>> Acesso em: 5 jun. 2019.

RIHOUX, B; MEUR, G. Crisp-Set Qualitative Comparative Analysis (csQCA). IN: RIHOUX, B; RAGIN, C. **Configurational Comparative Methods - Qualitative Comparative Analysis (QCA) and Related Techniques.** Applied Social Research Series, vol 51. SAGE, 2009. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=PnI-DQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=Rihoux&ots=ZKJxJLLqIy&sig=QAem4tFptfmisKQKjycciH7WFXg#v=onepage&q=Rihoux&f=false>> Acesso em: 2 mar. 2019.

RODRÍGUEZ. El ascenso de los candidatos outsiders como consecuencia de las nuevas formas de Comunicación Política y la desafección ciudadana. **Comunicación y Hombre.** Nº 12. 2016. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/47060099.pdf>> Acesso em: 9 jun. 2019.

SAMUELS, D & SHUGART, M. S. (2010). Insiders and Outsiders: Madison's Dilemma and Leadership Selection. In: D. J. Samuels & M. S. Shugart (Eds.). **Presidents, Parties, and Prime Ministers.** Cambridge: Cambridge University Press.

TRIBUNAL SUPERIOR DE JUSTIÇA ELEITORAL DO PARAGUAI. **Resultados de elecciones en 2013 para Presidente/Vicepresidente.** 2013. Disponível em: <<https://tsje.gov.py/e2013/resultados-elecciones-2013.html>> Acesso em: 5 jun. 2019.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL DO PARAGUAI. **Memoria: Elecciones Generales y de Diputados al Parlamento Centroamericano 2015.** Cidade da Guatemala. 2016. Disponível em: <<https://www.tse.org.gt/images/memoriaselec/me2015.pdf>> Acesso em: 5 jun. 2019.

VARGAS, E. ¿Quién es Freddy Ehlers?. **Red Voltaire**. 5 de setembro de 2006. Disponível em: <<https://www.voltairenet.org/article143319.html>> Acesso em: 22 mar. 2019.

VILLAGRA, S. La senda del outsider: factores que explican la emergencia de candidatos exógenos al sistema de partidos en Perú y Paraguay. **Estudios Paraguayos**, vols. XXIX e XXX, n.ºs. 1 e 2. Paraguai, 2012. Disponível em: <<http://epy.dreamhosters.com/index.php/RESPY/article/download/6/5/>> Acesso em: 2 mar. 2019.

ZABLAH, N; ARAUZ, G. La maquinaria que ordeñó al Estado hasta los últimos días de la gestión Saca. **El faro**. 4 de novembro de 2016. Disponível em: <https://elfaro.net/es/201611/el_salvador/19508/La-maquinaria-que-orde%C3%B1%C3%B3-al-Estado-hasta-los-%C3%BAltimos-d%C3%ADas-de-la-gesti%C3%B3n-Saca.htm> Acesso em: 22. Mar. 2019.

ZÁRATE, R (ed.). Gonzalo Sánchez de Lozada. **Barcelona Centre for International Affairs**. 1 de abril de 2007. Disponível em: <https://www.cidob.org/biografias_lideres_politicos/america_del_sur/bolivia/gonzalo_sanchez_de_lozada#4> Acesso em: 22 mar. 2019.

WAGEMANN, C; SCHNEIDER, C. Qualitative Comparative Analysis (QCA) and Fuzzy-Sets: Agenda for a Research Approach and a Data Analysis Technique. **Comparative Sociology**, vol. 9. Pg. 1–21. 2010. Disponível em: <<http://www.bs.ceu.hu/sites/default/files/publications/coso00903192-wagemann.pdf>> Acesso em: 3 jun. 2019.

WALLENFELDT, J. Horacio Cartes: President of Paraguay. **Encyclopedia Britannica**. 19 de agosto de 2013. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Horacio-Cartes>> Acesso em: 22 de mar. 2019.